



PORTE PAGO

Quinzenário * 30 de Abril de 1983 * Ano XL — N.º 1021 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Património dos Pobres

Fez há pouco 32 anos o Património dos Pobres. Já 32 anos!

Era a Semana Santa de 1951. O pregador da Quaresma, em Paço de Sousa, foi, nesse ano, o Senhor Arcebispo de Cízico. Já me não lembro por que bulas se me abriram as portas do Seminário antes do começo oficial das férias de Páscoa, mas sei que o acompanhei. Foram três dias maravilhosos de retiro aberto em que toda a Comunidade tomou parte, desde Pai Américo aos «Batatinhas», todos conquistados pela palavra vivíssima, tão leve apesar de carregada de Doutrina que resultava igualmente acessível e encantadora para todos os que compunham assembleia tão heterogénea. Sempre atento aos seus ouvintes, quando pressentia um natural cansaço dos mais pequenos perante a exposição, Senhor D. Manuel Maria provocava o diálogo com um jeito tal que qualquer um se sentia desintimidado para responder ou dar a sua achega — de modo que tínhamos ali uma realização quase perfeita de assembleia activa, o que permitia três quartos de hora de conversa, e mais..., sem um bo-

cejo fosse de quem fosse.

Uma jornada feliz que a todos nos marcou e decerto permanecerá na memória de quantos nela participaram — o acontecimento e a pessoa veneranda e querida do Senhor Arcebispo de Cízico.

Pois foi nesses dias que Pai Américo nos mostrou as primeiras casas do Património, algumas em construção adiantada perto da Casa do Gaiato.

«Eis a palavra que já deu começo e vai prosseguir na construção de casas para Pobres: AGORA.» Assim anunciou Pai Américo ao mundo dos Leitores de O GAIATO um pensamento antigo que encontrará enfim a palavra adequada para o exprimir — e essa palavra era já realização: AGORA.

Confesso que levei tempo a compreender o significado profundo do advérbio nesta sua utilização substantiva. Cada homem no mundo e cada coisa na vida têm «a sua hora». Hoje mesmo, Sexta-feira Santa, celebramos a Hora das horas: a «hora» de Jesus.

Cerca das três da tarde Ele venceu a morte com a Sua morte e alicerçou definitiva-

mente o Reino de Deus, Reino de Vida, de Santidade e de Graça, que logo surgiria aos olhos dos homens na madrugada do Domingo da Ressurreição.

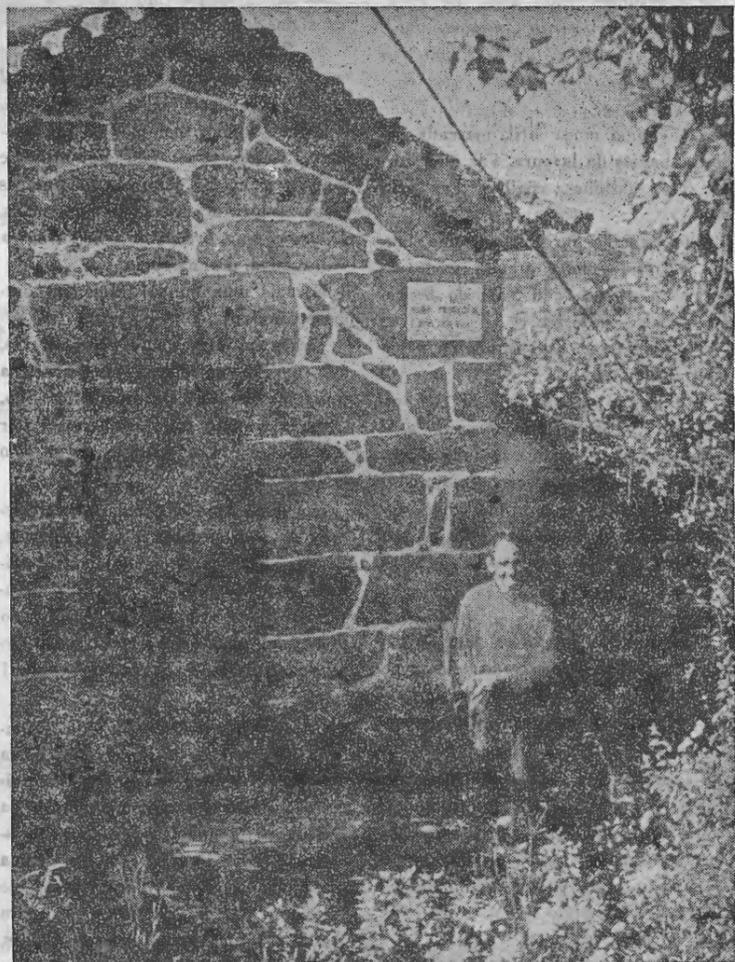
Todos os pensamentos de Salvação andam assim escondidos longamente em gestação. Mas quando chega a hora de serem dados à luz, a Força de Deus activa-os e são imparáveis. Já não dependem de nenhuma outra condição. «E dinheiro?... Não é preciso. O dinheiro em obras assim é sempre a última questão. Nem é, sequer, questão. O que importa é construir!»

Foi o que aconteceu com as casas do Património dos Pobres. É AGORA! Ao comunicar o que ia ser, já estava sendo!

Nem Pai Américo viu logo a dimensão futura daquele pequenino começo que nós quis mostrar nessa Semana Santa. Quem pode dizer a estatura de amanhã do petiz que até há momentos cabia no ventre de sua mãe? Quem sabe o que ele vai ser? Nem Maria nem José o sabiam do Seu menino. Foi a palavra profética de Simeão e de Ana que lhes rasgou horizontes. E ainda assim, por quanto tempo esses horizontes iriam permanecer estreitos e confusos...!

«Eu vou aqui dizer de como nasceu e foi possível realizar o pensamento da elevação de casas para Indigentes nossos irmãos. Nasceu nesta palavra: Irmãos. Esta é a fonte perene e divina das máximas inquietações. «Vai dizer aos meus Irmãos que Eu ressuscitei.» Sempre que passo por este versículo do Evangelho, estremeço de alegria e comoção. Já não diz meus amigos ou discípulos; isso é muito, sim, mas agora é mais: «meus Irmãos».

Erguidas as primeiras moradias do Património dos Pobres em redor de nossas Casas; contagiados outros pelo jorrar «desta fonte perene e divina das máximas inquietações» — Pai Américo lança a proposta: «Vamos para as cem casas». Quantas cem ele não veria entregues por todo o País e quantas mais que já não viu, até aos milhares! E depois, todo o movimento de Autoconstrução que o Património dos Pobres desencadeou e tem continuado a alimentar — e é o



Mais e melhor do que todas as casas feitas — de norte a sul do País — o Património dos Pobres valeu por um alerta que acordou tantas consciências para o problema primeiro que é o da habitação!

DOCTRINA

Desde que neste mundo que pisamos se encontraram personificadas, face a face, as duas maiores forças conhecidas — o Bem e o Mal, Jesus e Satã — o Mestre abriu as portas a toda a gente, uma vez para sempre; e com Ele, por Ele, vencemos o mal na vida de sacrifício, de trabalhos, de pobreza, de renúncia de nós mesmos para o bem dos Outros — a vida do Mestre, a verdadeira Vida!

Nós somos todos feitos de amor, para amar. Cada um de nós é um milagre de Amor, do Amor infinito de Deus; e uma vez dentro da vida, temos de a realizar... amando. Se algumas vezes, como Tiago e João, pedimos a chuva de Sodoma sobre a gente que nos faz mal, é única e simplesmente por

ignorar «de que espírito somos feitos». Assim o disse o Mestre aos Discípulos assanhados; e só Ele conhece a massa do nosso ser e a razão da nossa existência.

O ódio é uma aberração. Tanta gente que leva uma vida inteira de amor heróico, sem se queixar nem dar fé do heroísmo! Porquê? Porque somos essencialmente feitos para amar, como os passarinhos o são para o firmamento e as abelhas para o mel.

Diante da miséria dos nossos Irmãos, toda a política deve ceder à única Política fecunda e verdadeira — a Política do Pai-Nosso.

P. Américo!

Cantinho das Senhoras

Depois de todas as leituras sobre métodos de bem educar e de todos os pareceres de educadores, sinto que só um grande amor educa, verdadeiramente. O resto é rama. Baba de rio. Superficialidade.

O X foi mal educado para as senhoras... Falei-lhe, com cantinho, de sua mãe. Foi a pedra de toque. Ficou pensativo. Prometeu pedir desculpa.

O amor e a recordação da mãe!

A mulher afadigada. Sempre servindo os filhos. Nunca pensando em si. Perdendo sempre..., mas sem se demitir na chamada ao dever. Pondo ternura em todos os gestos.

Este é o segredo!

Está na raiz — lá no fundo.

É o que fica depois de todas as lavagens que o mundo e a vida nos dão!

A mãe da nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa — D. Sofia — está doente. Há trinta e cinco anos que serve os rapazes... todos os dias — em todos os instantes.

Uma vida inteira a tratar dos nossos «Batatinhas»! A orientar as limpezas, roupas e despesas — os serviços mais humildes numa entrega total!

Não há compêndios que descrevam; nem fotos que retratem. Só os rapazes que por cá passaram — e hoje conhecem a dureza da vida — sentem no coração.

Aos nossos apelos (cheios de angústia com a falta de mães) responderam a D. Maria da Conceição, natural de uma aldeia perto de Fátima, e a D. Maria da Assunção, do Marco de Canaveses.

Viram de longe a luz bruxu-

CONT. NA 4.ª PAG.

Cont. na 3.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Hoje, fomos visitar os Pobres. A meio caminho somos interrompidos por uma jovem dona de casa: — *Vamos construir uma casinha... Uma obra muito cara; está tudo tão caro!... A gente podemos contar com uma ajudinha?...*

Ela é uma moça viril, marcada pelos trabalhos da lavoura. Faz uma horta. Tem galinhas, coelhos. Faz pela vida!

Ele trabalha no Porto, como tantos outros — uma grande parte da força de trabalho do Vale do Sousa, ao longo da via férrea.

Habitam uma casa pequenina e pagam um dinheirão!

— *Fizemos as contas... Já comprámos um lote de terreno aprovado pela Câmara (que lhes custou uma fortuna!...) e vamos começar. Veja se, lá mais p'ra diante, nos dão uma ajudinha!... A casa vai ser feita só por nós e por quem nos puder botar a mão...*

Outros casos recentes: Um jovem Autoconstrutor — motivado pela acção de vizinhos e amigos — quer lançar-se na dolorosa aventura. Tem pouco. Chega para começar. — *E depois...!*

Na actual conjuntura, aquele depois e outros factores... são muito importantes na vida de um trabalhador, desmotivado do crédito oficial, dito bonificado. Faz, então, uma prospecção junto d'amigos — para não esmorecer o entusiasmo:

— *Vê se consegues quem m'empres-te a massa — p'ra começar folgado...*

Especificamente para o Autoconstrutor, como Autoconstrutor, deveria existir um crédito regulamentado para o efeito, na medida em que ele não procede à aquisição de casa própria, mas à sua construção — por sua mão e d'amigos e familiares — ao longo de dois, três, quatro, cinco... anos.

Visitámos a nova moradia duma Viúva que ajudámos folgadoamente — para ela e os filhos não ficarem ao luar. Era um mundo de trabalho, de filhos e amigos! *Ai que satisfação! Com'é q'a gente chegámos inté aqui!...*

Não é um palácio. Não tem larguezas. É uma casa pobre. Mas chega para todos e é levantada por todos, aos sábados, domingos, dias santos e feriados; até pelas noites dentro!... Não beneficiaram um centavo do erário público; mas, apesar de Pobres, contribuíram para ele... e perderam horas nas repartições públicas... subtraídas ao trabalho diário, à acção empreendida... a bem da Nação!

É preciso descer ao País real para se avaliar todas as nossas potencialidades, não descurando, como é óbvio, a problemática da Autoconstrução!

Foi uma senhora da sociedade. Percalços da vida — acréscidos da viuvez e terceira idade — arrastam-na à pobreza sem no entanto perder o trato fino, distinto, ainda que mar-

cado pela dor, pelo sofrimento. *Pobreza branca*, diria Pai Américo.

Marcamos presença, uma vez por outra, com discreção, pois a acção deva estar sempre conforme o diagnóstico da situação — para se fazer o bem bem feito.

Hoje lança um SOS: — *Estou no fim...!* Palavras que reflectem doloroso calvário. Lágrimas que brotam da alma, do coração.

— *Estou mesmo no fim... a passar mal! Não se esqueçam de mim...!*

Não revelamos todos os seus ais. Até lhe pedimos, por mor da sua precária saúde, que não se afliesse mais; os nossos leitores, por nossas mãos, suprião todas as carências. *«Bendito seja o Senhor nosso Deus!»* — exclama, d'alma cheia.

É mais uma Viúva! Mais um drama escondido!

Temos muito respeito pelas Viúvas, até porque sofremos, na carne, a problemática da Orfandade...! Sim, como é salutar, para conhecer a dor dos Outros tê-la sentido no mesmo meridiano!

Há dias, uma entidade oficial devotada aos problemas da Família, disse que cerca de metade das famílias portuguesas luta com dificuldades. Só não especificou o número delas causadas pela Viuvez, pela Orfandade. Seria o grosso da colónia!

PARTILHA — P. M., de Coimbra, 500\$00 — «e logo que possa seguirá mais». Metade de Cabeceiras de Basto «para comemoração da Páscoa e Ressurreição de Jesus Cristo». Av. da Boavista, Porto, «uma migalha» e uma afirmação: «não me arrisco a fazer considerações para não cair em banalidades». Oeiras, dois contos «para acudir a algum caso premente». Metade de uma Viúva, de Cruz de Pau, «para Autoconstrutores pobres». O mesmo de Algueirão «relativos aos meses de Março e Abril», sugerindo que o donativo seja «entregue a uma senhora idosa e doente». As irmãs de D. Sofia — que tem sido Mãe de gerações de gaiatos — deixaram vultosa oferta para os Pobres. Mais outra, de Venimim, confiada ao Mendão. Assinante 2387, de Carregado:

«Com os votos de Santa Páscoa, cheia de Paz, Fé, Esperança e Caridade, envio uma pequena gota para ajudar a encher a taça do nosso amor pelo Próximo.»

Que a Paz do Senhor, e o nosso amor por Cristo, nos acompanhe sempre!»

É oração de um cristão!
Os habituais 10 rands de Montclair — Durban (África do Sul). Vilares (Vila Franca das Naves), 500\$00. Visitante de Leiria, o dobro. Assinante 13973, da Senhora da Hora: *«Que a Graça de Deus esteja sempre convosco!»*

Junto envio a migalhinha de 100\$00 para a Conferência. Era meu desejo enviar mais alguma coisa (que se visse), mas o meu magro subsídio do Estado — do qual meu falecido marido era um bom servidor — não me permite. É de muito boa vontade — o tal óbulo da Viúva que Deus bem sabe.»

Presenças que são tesouros de Vida — para a vida!

Mais 100\$00 de outra Viúva, do

Porto, quase a dobrar os 80. É Amiga dos primeiros tempos. Dez vezes mais do Porto, R. Matias de Albuquerque. Coimbra, a «terceira prestação dos estudos» de um seminarista, nosso vizinho. Aveiro, o habitual donativo de boa Amiga, agora «por intenção dos meus filhos». Mais um cheque da *Lusa-Atenas*, enviado pela assinante 20174. E outro, muito abonado, de Monção, emitido pela assinante 7649.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

TEMPOS LIVRES — As férias da Páscoa chegaram ao fim e os dias agradáveis ficaram marcados por vários aspectos, entre eles os grandes desafios de futebol realizados, todos os dias úteis, entre as 18 e 19 horas. Na verdade, foram momentos sem comparação, pois eram jogos entre rivais que formavam boas equipas. Uma integrada por trabalhadores do campo, que ao fim e ao cabo do campo eram só metade, acrescida de elementos de vários sectores de trabalho da nossa Aldeia, entre eles carpinteiros, serralheiros e trolhas; a outra composta por elementos que trabalham na nossa tipografia

Foram horas cheias de alegria, o que veio dar mais alguns momentos de prática desportiva aos nossos atletas. Esperamos que isto se repita muitas mais vezes para ocuparmos da melhor forma os nossos tempos livres.

DESPORTO — No dia 9 de Abril recebemos, no nosso campo, a Académica de Rio Tinto. A princípio temos a sua visita e alguns dos nossos atletas foram avisados do pé para a mão para o referido jogo. E recebíamos porque, em tempos, reconhecemos que era uma grande equipa.

O jogo foi pouco competitivo. Na parte disciplinar correu tudo bem, o que nos leva a agradecer a boa co-

laboração e camaradagem dos atletas dentro do recinto de jogo.

No final, o resultado reverteu a nosso favor por 7-1.

SERRALHARIA — Proximamente terá início, em nossa Casa, mais um curso de serralheiro, orientado por monitores do Instituto de Emprego e Formação Profissional. Já começaram os preparativos para que tudo decorra conforme as condições. E desejamos que todos os elementos participantes tirem o proveito que lhes dê direito à passagem final, já que a vida para os jovens, quanto a emprego, está cada vez mais difícil...!

OBRAS — Em nossa Aldeia não param! Agora, é a casa 2 e, também, a casa da lavoura. Tante uma como outra ficarão muito funcionais.

D. SOFIA — A vida da Obra da Rua é, naturalmente, cheia de problemas para os responsáveis da nossa família. Adoeceu, agora, a senhora D. Sofia, uma senhora de certa idade que já conta muitos anos de serviço em nossa Casa.

Foi para junto da família a fim de melhor recuperar.

Pedimos a Deus que melhore para regressar ao convívio dos seus «Batatinhas».

VISITAS — No dia 17 de Abril visitou-nos um grupo de pessoas de S. João da Madeira e participaram da nossa Missa.

Foi um prazer para todos a visita destas pessoas, que alegraram a nossa celebração eucarística com os seus cânticos.

ANIVERSÁRIO — A nossa Casa completou 40 anos no dia 20 de Abril — como já revelámos aos nossos leitores. Por isso, quero descrever, em poucas linhas, como se viveu o aniversário da nossa Casa:

O dia foi iniciado sem alterações. Depois, às 12 horas, reunimo-nos na nossa capela, a fim de agradecermos a Deus e a Pai Américo tudo quanto fez por nós.

Durante a tarde não trabalhamos, houve feriado, o que nos ajudou a virar as nossas atenções para um grande acontecimento — a presença do

Benfica nas competições europeias.

Assim comemorámos, em simplicidade, os 40 anos da nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa, no meio de alegria e satisfação!

Carlos Alberto

Tojal

ELEIÇÕES — Foi no dia 5 de Abril, dois dias após a Páscoa do Senhor, que se realizaram mais umas eleições na nossa Comunidade.

A eleição daquele que será nosso chefe, é, sem dúvida, um dos actos mais importantes em nossas Casas. Mas há algo mais assombroso: o chefe nem sempre é o mais velho na idade e na Casa.

A votação é, foi e será sempre secreta e livre, como aliás é norma desde que a Obra da Rua nasceu.

Antes de iniciarmos a votação evocámos o Espírito Santo e rezámos uma Ave-Maria.

Após quatro sucessivas votações, eis os nomes dos chefes:

1.º chefe — Pedro Félix dos Santos

2.º chefe — José Victor de Araújo Ferreira

3.º chefe — Eurico Martins Gomes.

O mar, por vezes, é muito agitado! Saibamos nós acatar, com perseverança, as ordens do Pedro.

Terminámos com uma palavra de Pai Américo, do apreço que temos pelo novo chefe: «Que a tua mão aponte o bom caminho, que a tua mão desvie os teus subordinados do precipício».

AGRICULTURA — É da terra que o nosso corpo há-de subsistir, quer queiramos quer não. Pena é fazerem-se coisas que nós e os outros bem conhecemos. Assim como o não dar valor justificável a quem no-la trabalha.

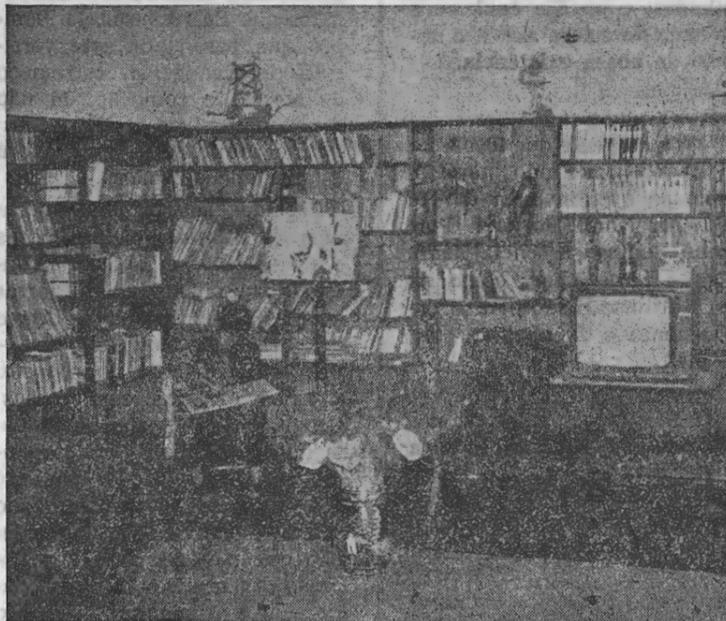
Reconhecemos ser um trabalho penoso, mas saudável. Contudo, a nossa agricultura lá vai andando segundo as nossas posses e poucos saberes.

A fava já se come!

A batata está semeada, assim como outros produtos agrícolas: cebola, alho, tomate, pimentos, pepino, feijão, grão, e tantos outros têm sido coloados e que mais tarde, isto é quando da altura do seu fruto, enriquecerão os nossos pratos onde o corpo vai buscar as vitaminas necessárias para se poder alimentar e vencer os ataques microbianos.

CONVÍVIO JUVENIL — Foi em pleno tempo quaresmal que um grupo de jovens retirantes nos vieram visitar, como já é seu hábito desde há anos a esta parte. Vieram com um plano de trabalho, mas também de convívio. Queremos acrescentar que alguns dos nossos fazem parte deste grupo de jovens retirantes.

Esteve entre eles o nosso Padre Telmo que por motivo de força maior,



A biblioteca do Lar do Gaiato de Setúbal



se encontra a substituir o nosso Padre Laiz. Contou vários testemunhos e falou dos mais variados problemas que afligem a Humanidade. Falou de África, mais propriamente de Angola, onde esteve primeiro como capelão de uma barragem e depois como Padre da Rua, numa das (que foram) nessas Casas do Gaiato. Testemunhos e problemas que vieram em convergência à quadra que se vivia. Apeleu ainda aos jovens que o acompanharam neste dia, afirmando: «Nunca tenhais medo de vos afirmardes seguidores d'Aquele que na Cruz morreu para dar a Vida aos homens».

Mas, lembrados estamos daquele dia 14 de Maio de 1982 em que Sua Santidade João Paulo II se dirigiu aos muitos milhares de jovens no Parque Eduardo VII.

E mais adiante afirmou ainda Sua Santidade: «Siga a vossa sensibilidade e a vossa generosidade espontânea, a tendência para tudo o que é belo, tornam cada um de vós um «galizado natural» de Cristo».

É, pois, na esperança e generosidade espontânea que muitos são os jovens empenhados numa Igreja mais santa, embora pecadora — que o é. Após a celebração seguiu-se o almoço e a hica, em que todos fizeram parte de um só; mas a despedida foi com a disputa de um encontro de futebol em que a equipa da casa saiu vencedora, firmando assim, inquebrável, a brilhante época futebolística que vem efectuando.

Luis Eduardo («Covas»)

IMPRESSÃO DO CORPO

FÉRIAS — As férias da Páscoa acabaram para todos que as tiveram. Já retomamos o nosso dia-a-dia de trabalho, de estudo, de tudo o que enche cada dia da nossa vida.

No dia de Páscoa — motivo para que são criadas estas férias — muitos foram os que, junto com as suas famílias, recordaram a festa em tempos remotos, de quando ainda eram jovens, dos bons momentos passados assim em conjunto com os demais familiares.

Em nossa Casa também muitos dos nossos cá vêm recordar a festa e matar saudades da Páscoa da sua infância, ou mesmo da sua juventude, revendo velhos amigos e conhecendo novos.

Este ano vieram em menor número mas mesmo assim não deixamos de fazer festa.

AULAS — Retomou-se o ano escolar com o começo do terceiro e último período do ano lectivo.

Para aqueles que esperam bom aproveitamento desejamos que assim seja, sem que contudo deixem de estudar.

Para os menos esperanças apelamos para que não percam a esperança e não desistam...

Nas nossas Casas também já começaram as aulas. Os estudantes do nosso Lar de Coimbra tornaram a enchê-lo agora, aumentados por mais um membro que veio para nossa Casa, nas férias.

Na Casa-mãe também a Escola retomou o seu funcionamento com os mais novos, dando um pouco de solidão aos nossos campos tão cheios de vida anteriormente.

PECUÁRIA — Costumamos, quase todos os anos, trazer muitos frangos de um aviário de Tomar.

Também este ano lá fomos buscar uma ninhada deles e outra de galinhas.

Os frangos, quando forem crescidos, serão mortos e, depois de devidamente preparados, servirão para a nossa alimentação. As galinhas quando tiverem a idade apropriada, dar-nos-ão ovos.

Também a criação destes animais faz parte do nosso trabalho.

PASCOELA — É costume a visita pascal ser feita na Pascoela, em nossa Casa. Todos os anos pomos um tapete de folhas de hera e flores desde o portão de entrada à nossa sala de visitas, onde sobre a mesa pomos: bolos, amêndoas, rebuçados e outras coisas.

Enquanto esperavam impacientes que a visita se realizasse, um grupo encontrava-se na Mealhada a participar num encontro de jovens, sobre o tema da Reconciliação.

Foi um dia alegre com almoço partilhado e terminou com a Eucaristia.

Que bom ainda haver jovens com fé!

FESTAS — Estivemos uma semana todos ocupados com a preparação das nossas Festas para que o período escolar não fosse prejudicado, pois apenas ficaríamos com os fins-de-semana para ensaiar.

Estudámos o programa das Festas até ao mais pequeno pormenor, do material necessário até ao resto.

A senhora do Lar também coopera nas nossas Festas, em roupas que utilizaremos em cada número.

Que elas sejam do agrado de todos e possam transmitir um pouco de alegria e paz.

Chiquito-Zé

Setúbal

UM CASO — Aquele carro chegou e veio parar junto de mim. O condutor sai e pergunta pelo senhor director e como ele não estava servi de «secretário»:

— Vinha por via de internar um rapaz surdo-mudo que tem mais nove irmãos, e a mãe não o pode ter. Lá para baixo não há nada de assistência a quem a gente recorrer — diz aquele homem, interessado pelo bem dos Outros.

Compreendi a carência. Apreendi mais, por via deste afligir-se com as dores alheias, trabalho pela cura das chagas do Próximo. E ele há tantas chagas à espera de alguém que se faça «enfermeiro»! Tantas feridas descarnadas, ao léu!

E lá foi aquele homem um nadinha desiludido e triste: — Vou ver se arranjo outra porta onde bater.

Ele foi triste e nós ficámos pensativos a olhar para as limitações das nossas Casas.

«Vou ver se arranjo outra porta onde bater.» Foi assim que José e Maria fizeram quando do nascimento de Jesus. «Lá para baixo não há nada...»!

ENCONTRO — É o Gilberto. Veio para nós mais dois irmãos. Eram pequeninos, hoje são homens. Este é de maior capacidade.

Em certa altura saiu e agarrou-se ao trabalho. Tem levado a sua vida modesta, como ele é.

Mostrou-me a sua motorizada: «Está quase paga...»

Falámos do seu irmão Francisco: «Ele já podia estar cá fora, mas não



Fez quarenta anos a Casa do Gaiato de Paço de Sousa — primeira Aldeia dos Rapazes em nosso País. Quarenta anos de história... já longa! Aqui se fixaram Homens, sob o bafo da Cruz, muitos rapazes que foram «Lixo das ruas», assumindo a tarefa — tantas vezes dolorosa — do seu crescimento humano e espiritual!

REFLECTINDO

Fez quarenta anos a Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Quarenta anos de história... já longa!

Ao longo destes anos nasceram estas casas de pedra que foram abrigo de tantos rapazes que aqui foram crescendo..., aqui se fizeram Homens..., aqui foram assumindo a tarefa — tantas vezes dolorosa! — do amadurecimento humano. Como é denso o mistério do crescimento de cada um! Crescimento realizado no seio desta família grande, mas efectivamente família, tão fortes são os laços que se vão formando ao longo dos anos. Família que tem a sua expressão concreta nos muitos lares formados por rapazes aqui criados, e a sua expressão mais viva naqueles que estão agora connosco.

Família sonhada e fundada pela fé de Pai Américo. Fé em Deus e fé nos homens, forta-

lecida pelo seu acreditar nos valores potenciais que cada rapaz traz ao chegar a este Lar.

Não vos queria falar nos sobressaltos que necessariamente vão acontecendo no caminho desta Comunidade. Chamemos-lhes as crises próprias do crescimento. Nesta altura de Festa sou mais tentado em falar de factos positivos: dos rapazes que temos já inseridos nas suas profissões, das informações que temos sobre a dignidade com que desempenham as suas funções. Falar-vos de outros mais novos que ainda no período formativo frequentam cursos de formação profissional, ou se preparam nas nossas oficinas. E de tantos..., tantos, que, ainda alegres e despreocupados, ao mister de aprender as letras e os números, participam com o seu trabalho no viver de toda a Comunidade. Falar-vos de todos estes aspectos positivos, verda-

deiros milagres a ultrapassar os defeitos e as fraquezas próprias de cada um.

Sou também tentado a falar na precissão quase ininterrupta de tantos que nos vêm visitar, a maior parte com um respeito de quem visita um Lugar santo. E creio que realmente santo, não pela perfeição de cada um de nós, mas sim porque aqui se vai realizando, mesmo com milhentas contradições, um verdadeiro milagre de Amor.

Por tudo o que se somou ao longo destes quarenta anos, também por todas as dores aqui vividas (e também elas construtivas), por tudo é ocasião de Festa. Necessariamente simples, porque só as Festas simples são profundas. E precisamos de Festas sérias para alimentar o nosso viver.

Que a todas as casas onde cheguem estas letras chegue também o eco desta Festa e o nosso abraço.

Padre Abel

quer saber. Não há meio de abrir os olhos. Eu bem lhe tenho feito ver as coisas...»

Quando o Gilberto não abre os olhos ao irmão, quem lhes há-de abrir?

HORA DE CORRIGIR — Um dia destes veio um grupo de fora jogar futebol.

Um dos jogadores deixa o carro aberto, onde tinha a roupa. No final do jogo deu por falta duma quantia em dinheiro. Houve tribunal e o delito mais os réus foram descobertos. Foram dois. Primeiro, muitas mentiras; até que veio ao de cima a verdade: tinham furtado e escondido o furto.

Tendências deles. É hora de corrigir. Antes agora do que mais tarde, na sociedade, onde nem sempre o castigo abre a luz para o arrependimento.

PASCOA — É hoje Sexta-Feira Santa. Ontem foi a celebração do Mandamento Novo: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei». A grande Vitória de Jesus!

Nós festejamos estes acontecimentos. Somos um ramo da Igreja viva. Temos a ressurreição bem palpável nos nossos rapazes. Eles são ressuscitados pelo amor de Cristo. As Casas do Gaiato foram inspiradas à sombra da Cruz. «Amai-vos como Eu vos amei.» Quantas vezes Pai Américo teria saboreado esta frase!

Somos Igreja. Queremos festejar com júbilo as coisas da alma. Somos um santuário delas. Pai Américo imprimiu à laia de brasão, as Casas do Gaiato.

Para os mais pequeninos o doce das amêndoas. Para os mais velhos, para os mais capacitados, o sentimento da lavagem dos pés, como significado do servir, do amor que devemos uns aos outros.

«FÁTIMA» — Fez dezassete anos. A senhora do Lar deu-lhe um saco de bolos e veio oferecer-me o primeiro! Estava tão zangado que não peguei neste carinho do «Fátima»! Os nossos pecados! Perdi uma bela ocasião de sorrir com os que sorriem...

Ernesto Pinto

Cantinho das Senhoras

Cont. da 1.ª página

leante da nossa candeia em busca; e ouviram a voz do chamamento, que é a voz do Senhor.

● Na nossa Aldeia do Calvário — depois duma doença prolongada e que muito a fez sofrer — morreu, há dias, a D. Riça. Serviu a Obra da Rua na Casa do Gaiato de Setúbal e na de Paço de Sousa. Passou humildemente. Só Deus mede a doação. Diz-nos a fé que já recebeu o prémio de sua entrega generosa e total.

Paz à sua alma.

Padre Telmo

FESTAS

Passei agora pelo Teatro Avenida, de Coimbra. Foi a primeira vez, este ano. Foi um grande abraço ao Dr. Pedro. Foi um sorriso de espanto quando ele me disse que já tinha mandado os bilhetes para a Casa do Castelo. Com o abraço, Dr. Pedro foi-me dizendo que «a Casa é toda vossa».

Não tem havido obstáculos de qualquer ordem. A Maria Teresa disse-me, há dias, que muitas pessoas têm vindo já à procura de bilhetes. E a Festa. É o encontro de Amigos em festa.

Como Coimbra são as outras terras. O querido amigo Gonçalves, da Covilhã, teimou para que haja Festa à tarde e à noite. Ganhou! Ninguém se pode queixar... Os Amigos da Covilhã, que, nos anos anteriores, já não cabiam na sala, este ano, à noite, não venham queixar-se, pois têm Festa à tarde.

Veio uma carta linda duma jovem de Tortosendo a dizer que temos lá muitos Amigos e que há lá duas salas muito boas e muita gente à nossa espera. Tivemos de lhe dizer que não. Que não somos capazes de mais Festas do que as que temos marcadas.

São as aulas. São os dias fora de Casa. É o cansaço. Ontem vieram de Góis. Hão-de vir de outras terras. Tem sido assim nos anos anteriores. Levam todos o nosso não. Que todos nos aceitem com as nossas limitações.

Hoje, de manhã, o nosso telefone chamou. Era o pároco duma vila, onde sempre temos ido, a dizer que o salão do costume está em obras, mas que vão pedir o salão da Escola Preparatória. Dissemos que era bom este ano não irmos. — Que não. Que não podia ser. Que toda a gente já conta. Que não podemos lá faltar.

É o tom. É o tom de todas as terras. E temos de ir! Quando esta notícia chegar aos vossos olhos já nós andamos na romaria.

1 de Maio, às 15,30 e às 21,30
Teatro Avenida — COIMBRA

6 de Maio, às 17 e às 21 horas
Teatro Cine — COVILHÃ

7 de Maio, às 15,30
Cinema Gardunha — FUNDÃO

8 de Maio, às 15,30
Cine-Teatro Avenida — CASTELO BRANCO

14 de Maio, às 21,30
Salão dos Bombeiros — CANTANHEDE

15 de Maio, às 15,30
Cinema do Casino — FIGUEIRA DA FOZ

19 de Maio, às 21,30
Teatro José Lúcio da Silva — LEIRIA

21 de Maio, às 21,30
Casa do Povo — MIRA

22 de Maio, às 15,30
PRAIA DE MIRA

Padre Horácio

Vêm aí também as Festas para os mais íntimos da Obra da Rua na zona de Setúbal. «Nem que reptam a do ano passado, a gente gosta sempre de ver...» — dizia, há meses, um visitante apaixonado. As Festas não se repetem. São sempre diferentes.

A criação da Festa, com toda a responsabilidade, foi confiada ao Rui Peixoto. Ele é rapaz brioso, cheio de generosidade.

Creio serem as Festas um teste ao valor dos Rapazes da geração dos 18/20 anos de cada Casa do Gaiato. Casa onde a Festa se não faz, é Casa de gente morta.

Nunca tive um lote tão numeroso de crianças intelectualmente deficientes. A gente não tem técnicas avançadas. Vamos com o que sabemos e podemos. A Festa dá-lhes um bom empurrão.

Datas prováveis:

14 de Maio, às 21,30
Sociedade da QUINTA DO ANJO

22 de Maio, às 21,30
Sociedade Filarmónica OS LOUREIROS
PALMELA

27 de Maio, às 21,30
Teatro Luisa Tody
SETÚBAL

Padre Acílio

Partilhando

● Fala-se hoje muito de greves. Dos comboios, dos aviões, etc... E da greve da fome! Daquelas, sentimos os efeitos; desta, as causas somente...

Ora, o «Vila Real» resolveu, há dias, fazer «greve» de fome. Ele é o nosso refeiteiro e aprecia mais ver-nos comer do que comer! E é também dos que gosta mais ver passar os comboios do que trabalhar... Então, quando nos serve à mesa, ou chega atrasado e desaparece apressado, ou fica de pé a olhar-nos pelas costas. Que mania aquela! É preciso estar sempre a mandá-lo sentar! Foi um desses dias em que o «Vila Real» só com um pu-

xão de orelhas se sentou à mesa. Não comia, que não lhe apetecia. Mandou-se guardar a comida do almoço para o jantar. De novo, não comia; que não tinha apetite. «Greve» da fome. Eis a questão: comer ou não comer. Deu-se-lhe um castigo..., um aperitivo! Voltou o apetite. O prato cheio de comida! O sorriso da alegria de comer o pão partilhado por muitos! E o momento de sabermos estar uns ao lado dos outros. Na mesa ou no recreio, no trabalho ou na capela. A cada um destes lugares a sua importância. A sua dignidade! Oh!, ela vai faltando, aqui e além... E ai de nós se, por nós, a deixamos escapar.

● Mais uma cena passada à mesa: Do lugar onde o Edgar come chega o protesto dos seus companheiros que ele tinha posto os pés em cima da mesa. Ele ainda é «Batatinha» mas estava à beira dos tinhos. Ouvi o protesto e desabafei para o Neca, nosso companheiro de mesa: — Estás a ver os gestos das cenas distantes do Far-West, ao vivo, aqui?

A televisão é de uma influência muito grande na vida das crianças! Estas recebem tudo sem possibilidades de saber escolher... o bem e o mal. O que vem, fica. Ajuda, destrói, distrai ou perturba.

São adultos os que fazem programas de televisão. É deles, por eles e para eles o bem ou o mal que dão às crianças. O Edgar... um pequeno pachorento que à mesa é capaz de adormecer ao meter a colher na boca, aprendeu a pôr os pés aonde a cabeça mal chega. Mal...

Brincadeiras de crianças — lição para os adultos!

● Li a carta que o «Laranja» mandou para a mãe. Que queria ir embora para ajudá-la na vida da casa e do campo, já que estava só e a precisar de ajuda. A carta seguiu tal e qual até à pequena aldeia de Vila Verde. A mãe que lesse e dissesse o que queria se fizesse.

Um dia qualquer aparece um táxi. É a mãe do «Laranja» — aflita, cansada e doente! Que desejaria tanto poder ter o filho consigo, mas que era impossível... Que a casa dele, agora, era esta — a nossa. Ele ouviu, ouviu com a cabeça metida no peito e a cara coberta de tristeza e incompreensão. A seu lado uma irmazita mais nova e com um ar prazenteiro e bem minhoto, desabafa assim o que via e sentia: «Ó mãe, ele está ali com umas bentas...!» Só isto bastou para o «Laranja» levantar a cabeça e sorrir! Era verdade...

Entretanto não sabíamos bem como todos aqueles momentos e palavras iriam acabar. Chega um carro e, lá de dentro, saem dois amigos do «Laranja» com uma gaiola e dois periquitos na mão. Ele fazia anos, naquele dia. E, naquele momento, a prenda de aniversário foi mais saboreada por mim e pela mãe do que por ele.

A cara triste desapareceu... A mãe teve que ir embora. Ficaram os amigos do «Laranja». Ele, os periquitos, nós. Contentes! Tudo tão simples!...

Padre Carlos

Padre Moura

Património dos Pobres

Cont. da 1.ª página

AGORA do Património dos Pobres!

Mas, mais e melhor do que todas as casas feitas, o Património dos Pobres valeu por um alerta que acordou tantas consciências para o problema primeiro que é o da habitação. Na verdade, este movimento de opinião galvanizou muita

veis oficiais (confessado pelos próprios responsáveis) o Património dos Pobres teve este papel mobilizador!

Como em tudo que nasceu de Pai Américo, o dinheiro foi reduzido à sua função servil e nunca posto à partida como obstáculo a vencer. De modo que esta valorização das migalhas, de ajudas de toda a espécie, deu a muita gente a alegria de poder participar e garantir sempre a resposta em todo o lado onde havia uma necessidade urgente e inquietação por a remediar. Foi realmente um «ovo de Colombo» que se pôs em pé com uma eficácia imprevisível.

Infelizmente, 32 anos depois, a habitação continua a ser problema — e que problema! — não só para os indigentes, mas mesmo para aqueles que vivem do seu salário, principalmente para os que, nestas condições, procuram constituir o seu lar e se debatem com a dificuldade da casa.

Quem dera que o espírito que animou Pai Américo, seja sempre inextinguível de fé e determinação, a dar vida a quantos, só pelas forças deste mundo, jamais poderão chegar à posse de uma casa.



O pregador da Quaresma, em 1951, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, foi o Senhor Arcebispo de Cízico. Palavra vivíssima, tão leve apesar de carregada de Doutrina!

gente, sobretudo depois da homilia de Pai Américo em Fátima, grande peregrinação de Maio de 1952; e motivou multidões a colaborar. Até a nf-



Gaiato

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa